

NARRATIVAS PANDÊMICAS: PÓS-HUMANISMO E ETARISMO NO CONTO “LÁZARO”, DE CRISTHIANO AGUIAR

Ingrid Vanessa Souza Santos ¹
Raquel Araújo Luna ²

RESUMO

O trabalho em questão busca examinar como a pandemia de COVID-19 constrói seu espaço narrativo na ficção científica. Para isso, foi escolhido como *corpus* o conto “Lázaro” presente na coletânea *Gótico Nordestino* (2022), de Cristhiano Aguiar. Visando o desenvolvimento da pesquisa, tomou-se como enfoque a relação entre a protagonista Olga e sua avó, que após morrer em decorrência do vírus, revive devido a uma mutação genética. Para esse fim, procura-se analisar como a ficção científica utiliza o elemento dos “lázaros” — nome dado aos infectados que voltam à vida — para abordar concepções sobre envelhecimento e utilidade num cenário distópico. Por isso, também pretende-se investigar noções etaristas reproduzidas pelos personagens, desencadeadas pelo contexto pandêmico. Para tanto, recorre-se aos apontamentos teóricos de Correa (2009), Beauvoir (2018), Haraway (2009[1991]) e Mousoutzani (2011). Por conseguinte, foi possível constatar a pandemia de COVID-19 na ficção científica utiliza de uma atmosfera distópica para retratar não somente um cenário político, ao relatar a degradação e desigualdade social, mas também o horror de um corpo pós-humano modificado por uma ameaça invisível. Ademais, vê-se que os “lázaros”, traduzem a apreensão coletiva da perda de autonomia em decorrência do envelhecer, bem como de se tornar desumanizado.

Palavras-chave: Pandemia, Covid-19, Ficção científica, Envelhecimento, Etarismo.

INTRODUÇÃO

Seja na literatura ou no audiovisual, as epidemias e pandemias são temáticas recorrentes na ficção científica para abordar organizações políticas e sociais de determinadas épocas. De romances como *O Último Homem* (1826), de Mary Shelley, à *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), de José Saramago, o temor da contaminação e do caos público ocasionado por pandemias mostram o receio geracional de desordens causadas por crises sanitárias. O ícone do zumbi na ficção tornou-se um notável exemplo disto. Mesmo sendo oriundo de mitos da cultura haitiana, onde seres humanos voltavam à vida através de práticas do vodu, é com o filme *A Noite dos Mortos-Vivos* (1968), dirigido por George Romero, que o ícone do zumbi se tornou conhecido na *cultura pop* ao utilizar a contaminação como elemento de sua

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), ingrid_vanessa12@hotmail.com;

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), lun Rachel77@gmail.com.

gênese. Por conseguinte, as histórias de zumbi foram influenciadas a se tornarem narrativas pandêmicas. Seguindo este preceito, o autor Cristhiano Aguiar traz em “Lázaro”, o terceiro conto da coletânea *Gótico Nordestino* (2022), a utilização de tais elementos para abordar as ansiedades coletivas geradas pela pandemia de coronavírus (COVID-19).

“Lázaro” é ambientado durante o pico da pandemia de COVID-19, num cenário de restrições de deslocamentos e do medo de contaminação. A protagonista Olga é convocada ao Instituto Médico Legal (IML) para buscar sua avó Maria, infectada com o coronavírus, que havia voltado à vida. Maria torna-se então uma lázaro - nome dado às vítimas fatais do vírus que posteriormente ressuscitam. Assim como os zumbis de Romero, os lázaros possuem uma aparência monstruosa bem como pouca capacidade de movimentação física e nenhuma de fala. Com a necessidade de atenção constante, os lázaros tornam-se estorvos para seus familiares, além de levantarem discussões científicas, religiosas e econômicas. Estes se tornam menções evidentes ao envelhecimento e às pessoas em cuidados paliativos.

O cenário de COVID-19 fez com que obras de ficções científicas distópicas voltassem a serem consumidas tanto como forma de escapismo quanto como ponto de comparação entre o real e o ficcional. Assim, observando que o gênero supracitado possui um longo histórico em abordar questões sociopolíticas através de seus elementos e tropos específicos, notou-se a necessidade de verificar como a ficção científica de Cristhiano Aguiar representa a pandemia. Logo, esta pesquisa tem como objetivo geral o de examinar como a pandemia de COVID-19 constrói seu espaço narrativo na ficção científica. Como objetivos específicos, temos os de analisar como a ficção científica utiliza o elemento dos “lázaros” para abordar concepções sobre envelhecimento e utilidade num cenário distópico, além de investigar noções etaristas reproduzidas pelos personagens, desencadeadas pelo contexto pandêmico.

Com essa finalidade são utilizados os apontamentos de Manouk Borzakian (2021), que realiza um paralelo entre os mitos de zumbis na ficção científica com o contexto pandêmico; Cristina Teixeira e Mirella Pessoa (2021) com suas abordagens sobre a criação de distopias brasileiras em resposta à conjuntura de pandemia; Glyn Morgan (2021), que analisa a construção da ficção científica no cenário pandêmico. Num segundo momento, optou-se pelos apontamentos de Aris Mousoutzanis (2011) e Pimenta e Silva (2017), a respeito da construção do mito do zumbi na ficção científica gótica, bem como Maria Monteiro (2020) e Donna Haraway (2009 [1991]), que dissertam sobre a identidade monstruosa e pós-humana. Por fim, a pesquisa se apoiará nos conceitos de Mariele Correa (2009) e Simone de Beauvoir (2018 [1970]) sobre etarismo e utilidade para versar sobre o ícone dos lázaros através da ótica do envelhecer.

METODOLOGIA

A pesquisa toma como *corpus* do conto “Lázaro” presente no conto *Gótico Nordestino* (2022), de Cristhiano Aguiar. Utilizaremos como escopo as visões sobre o papel da ficção científica nos conceitos de pós-humanismo e envelhecimento abordadas nos fios do texto. Deste modo, compreende-se que a pesquisa é de ordem qualitativa, ao levar em consideração estudos baseado na obra supracitada e no arcabouço teórico que será utilizado para nossa interpretação.

Assim sendo, o trabalho foi dividido em três momentos. Primeiramente, discorreremos sobre a relação da ficção científica no conto “Lázaro” e a sua concepção sobre a pandemia de COVID-19. Num segundo momento, teremos enfoque nas comparações entre os lázaros com indivíduos da terceira idade, analisando o aspecto monstruoso e pós-humano das personagens. Por, focando nas noções etaristas, será feito uma comparação com os conceitos de utilidade e identidade idosa na sociedade antes e depois da pandemia. Para tanto, foram utilizados teóricos da ficção científica e do gótico, bem como do envelhecimento, já mencionados no tópico anterior.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao atingir um nível global com uma alta taxa de letalidade, a COVID-19 rapidamente entrou em discussões não somente do âmbito da saúde, como também das artes. Narrativas de ficção científica sobre isolamento social, infecções em massa e ameaças invisíveis foram escritas e revisitadas tanto pelo público quanto por pesquisadores. Diversas obras do gênero foram consideradas uma previsão do real futuro pandêmico, apesar de tal convicção ser rejeitada pelos autores que as escrevem. O pesquisador Glyn Morgan acrescenta:

A ficção científica é uma forma de arte narrativa que se baseia em saltos imaginativos e cognitivos de extrapolação para criar novos mundos de ficção distintos de alguma forma (às vezes pequenos, às vezes grandes) do nosso (2021, p. 1, tradução nossa).³

³ “Science fiction is a narrative art form which relies on imaginative and cognitive leaps of extrapolation to create new worlds of fiction distinct in some way (sometimes small, sometimes large) from our own”.

Em *Gótico Nordestino* (2022) há uma recorrência da extrapolação, ao inserir as reminiscências da pandemia de COVID-19 em diferentes elementos narrativos. Além de “Lázaro”, a presença do coronavírus pode ser notado em mais dois outros contos: em “Andaluz”, Campina Grande e outras cidades pequenas da Paraíba tornam-se desertas devido a uma febre, fazendo com que as personagens utilizem de máscaras para se proteger do contágio; “As Onças” o cenário apocalíptico se intensifica quando boa parte da população é exterminada por onças geneticamente modificadas que matam e transformam indivíduos através de contágio, havendo poucos serviços essenciais em funcionamento.

Diferente dos dois contos mencionados, a COVID-19 em “Lázaro” não é um elemento secundário, mas sim protagonista. Nas primeiras linhas há uma inserção do elemento da ficção científica gótica que permearia a história, quando um funcionário do IML informa a Olga sobre a situação de sua avó recém-falecida devido à infecção de coronavírus: “[...] Sim, pode vir pegar: o corpo da sua avó acordou” (AGUIAR, 2022, p. 32). A presença da pandemia de COVID-19 é introduzida também como parte do ambiente das personagens seja para estabelecer em que período o conto se desenvolve ou para expor suas respectivas ações. Ainda no início, torna-se perceptível esta relação com as ações das personagens, quando Olga, neta mais velha, se vê compelida a buscar o corpo revivido de Maria porque sua mãe e tios afirmam que são do grupo de risco passíveis à contaminação da doença. No entanto, é logo estabelecido que o verdadeiro motivo seria o afastamento emocional dos filhos com a matriarca.

Como pano de fundo, por outro lado, “Lázaro” apresenta um cenário equivalente ao ocorrido na realidade: aglomerações, relutância na utilização de máscaras, a dualidade entre o medo do contágio com o negacionismo científico, etc. Posteriormente, quando os lázaros - apresentados como uma mutação genética e resposta imunológica de uma possível nova cepa do vírus - tornam-se de conhecimento popular, o espanto do componente de ficção científica dá lugar às discussões que demonstram indiferença tanto da população quanto do governo aos infectados ou ao ambiente de alto risco de saúde. Apesar da presença dos mortos-vivos como aspecto ficcional, é nas semelhanças com a realidade que o conto traz o fator de perturbação. Ao se passar no ápice da pandemia, os dilemas sanitários e políticos de “Lázaro” são correspondentes aos narrados por Teixeira e Pessoa:

O ano de 2020 desenhou diante de nós um cenário muito próximo das produções distópicas: um vírus de alcance mundial, com alta capacidade de contágio, vem causando inúmeras mortes. Não há remédio, e a vacinação é lenta diante da aceleração do número de contaminados. Para remediar o problema, até o momento, só dispomos de ações preventivas que não

incluem a vacinação (uso de máscaras, álcool gel, lavagem das mãos, isolamento social, quarentena, distanciamento social, lockdown). A conscientização e a ação individual não estancam o problema. Portanto, o futuro de todos e de qualquer um depende de ações coletivas que requerem a ação coordenada do Estado (2021, p. 15).

É com o ícone dos lázaros que a narrativa explora o seu viés mais acentuado da ficção científica gótica. O mito do zumbi moderno é comumente associado aos temores de cada geração. Por ter sido moldado por obras do audiovisual estadunidense e anglófona, tais narrativas foram associadas ao medo do conflito bélico na Guerra Fria (PIMENTA; SILVA, 2017), da invasão estrangeira e de mudanças do *status quo*. Apesar de tais apreensões estarem presentes na ficção científica brasileira, os alienígenas foram utilizados em vez do ícone do zumbi, que só se tornaria recorrente em narrativas contemporâneas. “Lázaro”, bem como em *A Noite dos Mortos-Vivos* (1968) e outras histórias de mortos-vivos, também é fortemente influenciada pelo contexto sociopolítico. Ainda diferente do que comumente é retratado nas obras estadunidenses, a ameaça é majoritariamente biológica. Segundo Manouk Borzakian, a “[...] Covid-19 tornou-se uma ameaça difusa, capaz de penetrar nos nossos corpos e pôr em perigo a nossa integridade física, como uma mordida de zumbi que enfraquece o nosso ser e questiona o que nos torna humanos” (p. 188, tradução nossa)⁴.

Os mortos-vivos de Aguiar tornam-se uma ameaça biológica bem como um problema social para as personagens do conto, que os temem e não sabem como lidar com a monstrosidade vinda do contágio. A presença dos corpos que revivem transforma-se numa memória dos traumas da pandemia de COVID-19, ao personificar a contaminação do vírus e sua decorrência mortal. Uma lembrança pública das consequências do descaso coletivo do Estado e da população negacionista; reflexo evidente de uma conjuntura política distópica vinda com a segunda década do século XXI (TEIXEIRA; PESSOA, 2021). Ademais, os lázaros também dialogam com concepção de pós-humanismo, devido à mutação que passa a ser uma nova etapa de desumanização, tendo uma perda completa de autonomia física e mental.

Para Pimenta e Silva, as histórias de zumbis são uma forma de lidar com o medo e ansiedade da finitude, da existência já que abordam “[...] sobre criaturas que venceram a morte ou foram condenadas à vida eterna.” (2017, p. 122). Contudo, como já mencionado, observa-se que em “Lázaro” a condenação da vida eterna é vista de modo mais danoso do

⁴ “Covid-19 s'est érigé en une menace diffuse, capable de s'immiscer jusque dans nos corps et de mettre en péril notre intégrité physique, à la manière d'une morsure zombie fragilisant notre être et questionnant ce qui fait notre humanité”

que morrer pela ameaça invisível da doença viral. À vista disso, torna-se notável as relações dos lázaros (e por consequência, dos zumbis) com o pânico do envelhecimento.

O envelhecer retoma na ficção científica de Aguiar uma posição de degradação física, onde o corpo modificado pelo tempo e pelas sequelas do vírus torna-se completamente monstruoso e desumano. Ao se deparar com sua avó Maria, Olga se sente enojada e amedrontada: "Olga sentiu horror, tontura. Enfiou um punho fechado na boca, não queria a vergonha do grito. *A face*. Como vou dar conta dessa *coisa*? Maria Lutz vivia, era inegável. E também estava morta?" (AGUIAR, 2022, p. 37). Vale salientar que na cultura *pop* os zumbis são vistos como seres que antes eram humanos saudáveis, além de serem produto de uma doença que degenera e debilita o corpo humano; rosto flácido, dificuldade cognitiva e de movimentação. Mesmas características presentes em indivíduos de idade avançada. Não à toa, o *body horror* - tropo de terror que usa das escatologias, modificações e violações do corpo - que é um dos elementos base na concepção dos zumbis, é facilmente aplicado aos medos humanos da perda beleza e da autonomia com o fim da juventude. Não por acaso também, a ficção científica e o gótico se encontram em influências recíprocas, se misturando entre as "[...] referências a formações tecnocientíficas contemporâneas e num enfoque simultâneo no corpóreo, no monstruoso e no grotesco" (MOUSOUTZANIS, 2011, p. 58, tradução nossa)⁵.

Na realidade também há exemplos do idoso ser visto através das lentes do *body horror*. Em seu estudo, Beauvoir (2018) analisa como a sociedade observa que o corpo envelhecido é tratado como grotesco e desumano, ao ponto de levar tais indivíduos à ira e à tristeza. No caso de "Lázaro", não há uma percepção dos zumbis sobre sua nova identidade popularmente abominável, o corpo pós-humano monstruoso é constituído de sua atual realidade pelas memórias de outros personagens, que relembram do que eram os lázaros antes da morte. Sobre a relação do corpo-morto e das memórias, Monteiro disserta:

O corpo-morto está aí, no meio do lembrado. Ao me inserir na cena, o espaço, o tempo e eu formamos uma unidade tripartida, selada pelas experiências aí vividas. Assim, a memória, o lugar e eu se fundem, e o lembrar torna-se fundamental. (2020, p. 70).

Contudo, mesmo estando presente no espaço das memórias do que antes foram, os lázaros pertencem de fato ao espaço pós-humano, criando no momento de sua concepção uma nova designação de vida e utilidade. Sobre isso, Haraway (2009 [1991], p. 96) aponta que "[o]s monstros sempre definiram, na imaginação ocidental, os limites da comunidade". E de

⁵ "[...] references to contemporary technoscientific formations and a simultaneous focus on the corporeal, the monstrous and the grotesque".

fato, há uma nova ordem social estabelecida na narrativa, onde as demais personagens precisam lidar com a expectativa de um parente que talvez viva para sempre.

Na narrativa de Aguiar, uma das dificuldades encontradas pelas personagens humanas é a necessidade de cuidados constantes dos lázaros. No caso da protagonista, a avó Maria sempre fora uma mulher funcional, mas após a contaminação do vírus e ser revivida com uma lázaro, sua nova ordem social e econômica precisaria ser reavaliada. Alguém da família precisaria morar com ela e gastar uma nova quantia em utensílios para melhorar a qualidade da sua pós-vida:

Algumas famílias os abandonavam na rua, ou tentavam vendê-los. Desovavam os ressuscitados por diversos motivos, sobretudo porque não tinham condições de mantê-los em casa. Lázaros não comiam, mas precisavam se hidratar, precisavam de vitaminas, sais minerais, de cremes para suas peles e colírios para os olhos murchos (AGUIAR, 2022, p. 39).

Apesar de ser semelhante à relação de familiares com as pessoas em cuidados paliativos ou pacientes de COVID-19 em estágio debilitado, “Lázaro” coloca uma crítica clara ao medo coletivo de envelhecimento. Geralmente para a família, uma pessoa de idade avançada vira uma obrigação de atenção especial e de gastos específicos, muitas vezes fugindo do orçamento usual; enquanto que para os idosos, fica o temor da falta de independência e falta de utilidade numa sociedade capitalista que define o sujeito pela quantidade de trabalho (e dinheiro) atuado.

De fato, essas relações implícitas passam do âmbito familiar e fazem parte até das políticas públicas. Como posto por Morgan (2021), a pandemia de COVID-19 causou mudanças na interação entre pessoas, mas, sobretudo como o governo pensa nas suas próprias responsabilidades. Se antes da pandemia já havia uma concepção negativa sobre a função do idoso na sociedade, depois do contágio em massa para as pessoas e para o Estado a vida dos idosos era um gasto indesejável e uma morte inevitável⁶. A respeito das relações entre o envelhecer e a necessidade de serventia para a sociedade, a pesquisadora Correa analisa:

A relação entre tempo e envelhecimento é conhecida, e quase automaticamente se associa um ao outro. [...] Com o advento do capitalismo, o tempo foi ressignificado como bem e mercadoria, subscrito pelo lema “tempo é dinheiro”. Para tanto, a produção de mais-valia perpassava pelos ponteiros do relógio, em que cada segundo batido representava um lucro a mais. Todo esse processo mercantilizou a relação do homem com o tempo e, inclusive, do

⁶ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/columas/leonardo-sakamoto/2020/03/27/bolsonaro-quer-convencer-que-vida-de-idoso-e-pedagio-a-pagar-ao-coronavirus.htm>>. Acesso em 19. dez. 2022.

homem com seus semelhantes. Fazer tempo é fazer dinheiro (2009, p. 88).

Deste modo, estas figuras pós-humanas são forçadas a integrarem a margem da sociedade por não serem parte do conceito capitalista de valor (HARAWAY, 2009 [1991]). No conto, Maria, antes com uma condição econômica abastada devido a carreira como juíza federal, inicialmente fica com o futuro incerto em relação a como passaria o resto de sua vida: num abrigo do Estado ou em seu antigo apartamento. Familiares discutiam o que fariam agora que a matriarca estaria de volta dos mortos, carente de cuidados frequentes. As discussões se voltam sobre quem ficaria com a idosa, quem ficaria com o apartamento e, por fim, o que seria da herança, agora com a aparição dos lázaros, seres supostamente eternos: "Os tios e tias falavam de dívidas, de sonhos. Alguns tinham sido demitidos na pandemia e queriam montar seu próprio negócio. [...] Quero liberdade, outra pessoa bufou" (AGUIAR, 2022, p. 39).

Apesar das personagens romperem com o conceito equilíbrio econômico e amor filial levantado por Beauvoir (2018), onde filhos são instruídos a cuidarem dos pais, após de períodos sendo estes os cuidadores, é necessário considerar o ambiente de desigualdade social e decadência econômica que ocorreu durante a pandemia de COVID-19. Vale ressaltar que as discussões de cunho monetário das personagens se fazem justificáveis. A falta de apoio do governo, bem como a onda de desemprego apontada pelos tios fazem com que o leitor compreenda porque a sociedade também encarava os lázaros com um problema de ordem pública, ao questionar que direitos haviam os mortos-vivos.

Monteiro (2020, p. 71) aponta que narrativas sobre o corpo-morto-vivo dissipam as diferenças entre vida e morte, estas tornam-se constituídas em si mesmas. Essas noções podem ser notadas em "Lázaro" onde tais personagens homônimos fazem parte de orbitam entre o mundo dos vivos e dos mortos. Mesmo após a morte, com o corpo em estado de uma transição física e cognitiva pós-humana causada pela COVID-19, as personagens ainda são vítimas de narrativas humanas de violência e etarismo. Ao presenciar a crueldade e o descaso da sociedade e do governo contra os lázaros, a protagonista reflete o processo desumanizar o novo grupo desamparado: "Olga enxergava uma humanidade, nem que fosse pelo avesso, nem que fosse devastada, miserável e esticada até o limite" (AGUIAR, 2022, p. 44). À vista disso, a personagem consegue distanciar a concepção dos infectados como monstros e mostrar empatia por estes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Gótico Nordestino* (2022) foi possível perceber as reminiscências da COVID-19 na escrita de Cristhiano Aguiar, que transita entre elementos de ficção científica e do gótico para retratar o cenário da pandemia e as suas repercussões na sociedade no âmbito sanitário, político e econômico. No conto “Lázaro”, a pandemia ganha seu espaço narrativo tanto como o pano de fundo cronológico e social dos personagens, bem como pela presença dos mortos-vivos infectados com o vírus, que tornam-se uma personificação dos traumas vividos neste período.

Ademais, percebe que o gênero supracitado utilizado deste elemento fantástico para fomentar discussões sobre o envelhecer no ambiente distópico de contaminação e degradação econômica, com a presença de personagens que temem ou desprezam os lázaros por sua forma física e por não fazerem parte do conceito de produtividade exigido pelo capital. Ao não serem considerados úteis e dependerem de cuidados de terceiros, os lázaros imediatamente se tornam uma ameaça ao *status* estabelecido pelo povo e ao Estado, bem como foram tratados cidadãos da terceira idade no ápice do contágio do coronavírus.

Em suma, compreendemos que os preceitos etaristas dos personagens são um reflexo não somente do medo de perderem sua autonomia em decorrência do processo de envelhecimento, mas de terem sua identidade modificada para algo monstruoso e inumano, como ocorrido com os lázaros. Deste modo, esta pesquisa espera ter alcançado um novo olhar sobre o papel da ficção científica em pautas atuais como o processo de desumanização de indivíduos idosos, sobretudo durante o período da pandemia de COVID-19.

REFERÊNCIAS

A NOITE dos mortos vivos. Direção: George Romero. Produção: Russell Streiner e Karl Hardman. Intérpretes: Duane Jones; Judith O'Dea; Karl Hardman; Marilyn Eastman; Keith Wayne; Judith Ridley e Kyra Schon. Roteiro: John A. Russo e George A. Romero. [S.l.]: The Walter; Reade Organization, 1968. (96 min).

AGUIAR, Cristhiano. **Gótico Nordestino**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2022.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Tradução: Maria Helena Franco Martins. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018 [1970].

BORZAKIAN, Manouk. “Des zombies au Covid-19, l'interminable apocalypse”. In: BECKER, Christophe; HOUGUE, Clémentine. **La pandémie en science-fiction**. Paris: Books on Demand GmbH, 2021.

CORREA, Mariele Rodrigues. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

HARAWAY, Donna et al. **Antropologia do ciborgue**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009 [1991].

MONTEIRO, Maria Conceição. "O Inumano, a morte, o espectro". In: DIAS, Ângela; Bérenger, Leonardo; MONTEIRO, Maria Conceição (Org). **O Inumano e o monstro**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020.

MORGAN, Glyn. New ways: the pandemics of science fiction. **Interface Focus**, v. 11, n. 6, p. 20210027, 2021.

MOUSOUTZANIS, Aris. "Death is Irrelevant': Gothic Science Fiction and the Biopolitics of Empire". In: WASSON, Sara; ALDER, Emily (Ed.). **Gothic Science Fiction 1980-2010**. Liverpool: Liverpool University Press, 2011, p. 57-73.

PESSOA, Mirella Ramos Costa; TEIXEIRA, Cristina. Utopia, distopia... Pandemia! Os sonhos de futuro e a temporalização das imaginações do porvir. **ALCEU**, v. 21, n. 43, p. 6-23, 2021.

PIMENTA, Raul Dias; SILVA, Alexander Meireles da. "O zumbi que habita a fronteira entre o gótico e o slipstream". In: SILVA, Alexander Meireles da; BARROS, Fernando Monteiro de; FRANÇA, Júlio; COLUCCI, Luciana (Org.) **Estudos do Gótico**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2017.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SHELLEY, Mary. **O último homem**. Tradução de Jana Bianchi. Pontes Gestal: Plutão Livros, 2020 [1826].